



## PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NA SALA DE AULA: COMO IDENTIFICÁ-LAS?

Amaralina Miranda de Souza<sup>1</sup> - UnB  
Leidyane de Souza Barbosa<sup>2</sup> - UnB

Grupo de Trabalho - Diversidade e Inclusão  
Agência Financiadora: CNPq

### Resumo

A presença de alunos com Necessidades Educacionais Específicas-NEEs em turmas do ensino regular traz à escola novos desafios no sentido de adequar-se, cada vez mais, para responder às demandas educacionais, que são cada vez mais diversas e por princípio, singulares e que, por isso, estão a exigir uma escola mais aberta e mais preparada para dar conta do seu papel na sociedade. O professor, por sua vez, se depara constantemente com a necessidade de modificar e inovar a sua prática de forma a oferecer oportunidades de aprendizagens variadas aos seus alunos para dar respostas às suas necessidades educacionais específicas, considerando as diversas formas de aprender, compreender o mundo e dar significado a ele. Para isso, precisa lançar mão de boas práticas de ensino, para propiciar condições de aprendizagem na sala de aula que não exclua nenhum aluno. Este trabalho apresenta dados da pesquisa em andamento, realizada no âmbito do Grupo de Pesquisa “Plano Nacional para Alfabetização na Idade Certa-PNAIC”, da Universidade de Brasília-UnB, que objetiva identificar as práticas pedagógicas inclusivas em duas classes de Integração inversa de alfabetização, de duas escolas da rede pública do Distrito Federal. A metodologia de caráter qualitativo utilizou-se de observação participante, questionário, entrevistas semiestruturadas com as professoras da Sala Regular e de Recursos Multifuncionais, gestores da escola, coordenador da Regional, os pais, análises de documentos e dos registros da trajetória de aprendizagem dos estudantes com Necessidades Educacionais Específicas-NEEs. Os resultados parciais apontam para a necessidade de reorganização da escola, de incrementar a formação dos professores para uso de estratégias e recursos diversificados, assim como a necessidade de organização do trabalho pedagógico da equipe, de forma colaborativa, para avançar no atendimento à diversidade de demandas educacionais de todos os alunos da escola, independentemente das suas necessidades educacionais, que devem ser consideradas sempre especiais.

**Palavras-Chave:** Prática Pedagógica Inclusiva. Necessidade Educacional Específica.

<sup>1</sup> Professora adjunta da Faculdade de Educação de Brasília - UnB

<sup>2</sup> Aluna bolsista, formanda do curso de pedagogia da Universidade de Brasília

## **Introdução**

Compreender a formação de professores no contexto da educação básica, mais especificamente centrada na alfabetização das crianças é um esforço necessário que todo o sistema educativo necessita fazer para corrigir rumos e favorecer a qualidade do ensino ofertado às crianças nessa fase de ensino, considerada como basilar para o desenvolvimento do seu processo escolar, com aprendizagem significativa e motivação para aprender. O PNAIC é uma ação efetiva do MEC com as Universidades nesse contexto e por isso investir em pesquisa para conhecer melhor essa realidade pode trazer oportunidades concretas para o alcance desse objetivo.

As políticas públicas brasileiras vigentes dispõem de leis e resoluções que visam à atenção á educação inclusiva, e nos seus diversos dispositivos tem garantido os direitos de todos os alunos á educação, que deve ser também de qualidade. Sabemos, porém, que a Inclusão efetiva dos alunos com Necessidades Educacionais Específicas (NEEs) ainda encontra-se precária em muitas escolas em nosso país e, via de regra, escutamos justificativas de que a escola e o professor não estão preparados para atender a estes alunos. Argumento que não se sustenta mais, uma vez que, independentemente de qual seja a demanda do aluno é compromisso do(a) professor(a) preparar-se, ser proativo e buscar conhecer o seu aluno numa escuta que o signifique junto ao seu processo de aprendizagem.

Particularmente compreender que entre essas crianças existe um grupo que, para além das dificuldades inerentes ao sistema e a outras dificuldades sociais, apresentam necessidades educacionais especifica e que ao longo dos tempos tem sido excluída da escola por suas singularidades, mas sobre tudo pela dificuldade da escola e dos professores compreenderem as suas potencialidades e lhes oferecem oportunidades concretas que responda ás suas necessidades para aprenderem. São capazes disso, mas sem apoio não conseguem! Embora tenham o direito á educação de qualidade juntos com os seus pares, não são atendidos e a grande maioria, embora possa não consegue avançar no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

O que será que falta além do respeito aos seus direitos de crianças? Professores formados, capacitados para atenderem á diversidade de demandas educacionais presentes na sala de aula? E a escola como se organiza para favorecer as condições e meios para que todos aprendam? A pesquisa buscará, através do estudo de duas realidades observadas em classes de integração inversa, apresentar dados e discussões que possam jogar luzes a esse desafio que

ainda enfrentamos em nossa realidade educacional, em Brasília pelo menos: e exclusão escolar das crianças e jovens com necessidades educacionais especiais.

Nessa perspectiva, muitos paradigmas educacionais também sofrem mudanças significativas conduzindo a novos olhares sobre a prática docente e a atuação do professor. Essa realidade exige que o professor reflita sobre suas metodologias a fim de verificar como estas têm realmente promovido um ensino de qualidade, que alcancem a todos os alunos indistintamente. Todas as escolas, por princípio e por obrigação de lei, deverão estar preparadas para receberem a todos os alunos, a serem naturalmente inclusivas, e organizadas para atenderem bem a todos os alunos. A esse respeito Mantoan comenta:

[...] As escolas inclusivas, portanto, propõem a constituição de um sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em razão dessas necessidades. A inclusão gera uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas apoia a todos: professores, alunos e pessoal administrativo para que obtenham sucesso na escola convencional (MANTOAN, 1997, p. 121 apud SOUZA et al, 2005, p.17)

Nesse sentido, é importante ressaltar que o propósito dessa pesquisa não é fazer estudos comparativos das realidades observadas nas duas turmas, mas conhecer cada realidade, para compreender cada uma, no sentido de buscar analisar a realidade das escolas pesquisadas e favorecer reflexões a respeito da inclusão escolar dos alunos com NEEs e em que medida a formação do professor e a organização da escola podem responder por maior ou menor consideração desse paradigma da incluso na escola que precisamos.

A pesquisa, portanto, tem com o princípio norteador estudar práticas vivenciadas na sala de aula desses professores, analisar aspectos positivos e negativos em tal prática, nesse caso identificar práticas que possam ser consideradas inclusivas. Busca-se também a socialização dos resultados da pesquisa, por meio da elaboração de artigos para publicações, apresentações em congressos, conferências, eventos científicos, assim como relatos de experiências e elaboração de relatórios, com a finalidade de atingir os objetivos geral e específico proposto pelo Projeto de Pesquisa/UnB/CEAM e oferecer dados que possam complementar informações necessárias ao Programa de Alfabetização do DF que possam contribuir para a melhoria da qualidade da educação ofertada.

## Contexto da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em duas classes de integração inversa, que inclui alunos com NEEs de duas escolas públicas do Distrito Federal, Brasil, uma situada na Região Central de Brasília, a Capital, e outra na Região Administrativa de Sobradinho, ao redor de Brasília.

A **Escola 01** está localizada na Região Administrativa de Sobradinho, é uma instituição de ensino público da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Os dados da matrícula foram obtidos junto a Secretaria da Escola. Total de 569 alunos assim distribuídos nos dois turnos e por ano: 1º ano matutino 52; Vespertino – 60; 2º ano Matutino 51, Vespertino 49; 3º ano Matutino 16, Vespertino 56; 4º ano Matutino 84, Vespertino 57; 5º ano Matutino 85, Vespertino 59. São 12 professores em sala de aula, considerando o atendimento aos 46 alunos especiais. Oferece Atendimento Especializado que é realizado na Sala de Recursos Multifuncionais e nas salas de aula Regular. A escola tem como propósito atender os alunos respeitando o tempo de aprendizagem e desenvolvimento de cada um, fazendo uso de metodologia com as características da Pedagogia de Projetos, entendendo que essa formação possibilita ao educando uma formação do cidadão.

A **Escola 2** está localizada na região administrativa I\Brasília – Plano Piloto, é uma instituição de ensino público da Secretaria de Educação do Distrito Federal, situada na Regional de Ensino do Plano Piloto, Cruzeiro e Octogonal, que desde a década de 1960 atende alunos da Educação Básica - Ensino Fundamental - Anos iniciais e na modalidade da Educação Especial. em dois turnos, matutino e vespertino. A escola registrava, á época da pesquisa, 241 alunos, 121 no turno matutino e 120 no vespertino. Havia quatro classes de ensino especial com 23 alunos, sendo três classes que atendem alunos com deficiência intelectual e uma classe que atendia alunos com deficiência visual em processo inicial de alfabetização, mobilidade, autonomia, formação de hábitos, reconhecimento de espaço e forma com atividades lúdicas. Entendendo que essa formação possibilita ao educando uma formação do cidadão.

Destaca-se ainda no Projeto Político Pedagógico - PPP da escola que a mesma busca apoio no trabalho coletivo, para desenvolver uma educação de qualidade, que garanta a formação de cidadãos participativos, críticos e que façam a diferença na sociedade. Todos os alunos do turno matutino são atendidos na Escola Parque as quintas-feiras, para realização de atividades de artes, educação físico e esporte. O Bloco Inicial da Alfabetização (BIA) e as

classes especiais têm atendimento nas segundas-feiras e as turmas de 4º e 5º ano nas quartas-feiras.

### ***Perfil da turma 1 (E.01)***

É uma turma de integração inversa, formada por 28 (vinte e oito) alunos, sendo treze meninas e quinze meninos. Três alunos da classe com NEEs inclusos, onde um aluno não tinha definido o diagnóstico. Alunos diagnosticados com TDH- Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, e uma com Síndrome de Down. Os alunos diagnosticados recebem o atendimento especializado, no contra turno, com a professora da Sala de Recursos Multifuncionais, duas vezes por semana.

### ***Perfil da turma 2 (E.02)***

É uma turma de integração inversa do 3º ano do Ensino Fundamental, do turno vespertino, composta por 17 alunos, 11 meninos e 6 meninas, cinco das quais com diagnóstico definido, de necessidades educacionais específicas: dois com deficiência intelectual, um cego autista, um com TDAH e um com síndrome de Down, que são atendidos na sala de Recursos Multifuncionais no horário inverso ao da aula, com duração de 50 minutos cada atendimento.

### ***Perfil da professora da turma 1***

A professora da sala regular da turma 1 está na escola a dois anos, tem como formação o curso de Licenciatura em Letras, com Pós-Graduação em Língua e Literatura pela Universidade Estadual de Goiás – UEG, em Coordenação Pedagógica pela UnB e psicopedagogia pela UNINTER. Ela tem dezenove anos de Secretaria, e tem em experiência em Ensino Fundamental- anos iniciais; Coordenação pedagógica e Séries finais- 5º e 6º ano, mas é o primeiro ano que tem alunos com necessidades educacionais específicas em sua turma.

### ***Perfil da professora da turma 2***

É pedagoga e trabalha nesta profissão a vinte e seis anos. Já trabalhou com alfabetização de jovens e adultos, matemática do 6º ao 9º ano, classe especial de TGD

(Transtorno Global do Desenvolvimento); Classe de Deficiências Múltiplas; Educação Infantil e Séries iniciais.

### **Antecedentes**

O PNAIC, sintonizado com a política de inclusão integral, desde 2013, no seu programa de formação de professores alfabetizadores a educação inclusiva como um espaço efetivo a ser trabalhado no curso que oferta em parceria com o MEC, com a compreensão de que. “a educação inclusiva, a educação especial integral a proposta pedagógica da escola comum, promovendo o atendimento às necessidades específicas dos alunos”, apontando que “o Atendimento Educacional Especializado - AEE deve estar contemplado no Projeto Político Pedagógico da escola... para colocar-se de acordo com as normas federais, estaduais e municipais” (BRASIL, 2014, p.15).

Dessa forma, no grupo de pesquisa PNAIC/CNPq/MEC, iniciado em agosto de 2014, na UnB sob a coordenação do CEAM/CFORM que realiza a coordenadora geral das ações de formação do PNAIC na UnB, integrou pesquisadores e bolsistas de graduação, envolvidos com os cursos de formação de Formadores, Orientadores de Estudos e Professores Alfabetizadores da Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal.

A perspectiva inclusiva, que já estava integrada nos cursos de formação ofertado pelo CFORM/UnB, foi integrada também na pesquisa e tem como princípio norteador a complementação da formação continuada do professor do ensino fundamental, com foco nos professores do bloco das séries iniciais, o BIA, (Bloco Inicial de Alfabetização), além de se estudar práticas vivenciadas na sala de aula desses professores, analisar aspectos positivos e negativos em tal prática, nesse caso identificar práticas que possam ser consideradas inclusivas.

Busca-se com isso também a formação do aluno da graduação e a socialização dos resultados da pesquisa, realizando devolutiva às escolas e ao sistema educativo e, com isso, produzir relatórios e artigos científicos para publicações, apresentações em congressos, conferências, eventos científicos, assim como relatos de experiências e elaboração de relatórios de pesquisa, com a finalidade de atingir os objetivos geral e específicos, propostos pelo Projeto de Pesquisa/UnB/CEAM e oferecer dados que possam complementar informações necessárias ao Programa de Alfabetização do Sistema Público de Ensino do DF que possam contribuir para a melhoria da qualidade do ensino ofertado.

## Metodologia da Pesquisa

Para esta pesquisa optou-se por uma metodologia de abordagem qualitativa, entendida como aquela que “pretende, analizar la forma en que se desarrollan determinados acontecimientos (el cómo), y sobre todo ,el significado que los individuos les ortogan” (HABERMANS, 1971 apud GENTO, 2004, p.132). Nesse caso, norteadas para identificar no âmbito das classes de integração inversa indicadas as práticas pedagógicas voltadas para o atendimento às Necessidades Educacionais Específicas dos alunos, consideradas, portanto, como inclusivas.

O objetivo geral da pesquisa é, justamente, investigar os elementos constituintes de práticas pedagógicas bem sucedidas em classes de alfabetização pertencentes às quatorze coordenações Regionais de Ensino do Distrito Federal, sendo que o recorte da nossa pesquisa tem como objetivo específico, observar as práticas pedagógicas inclusivas bem sucedidas, que consideram os diversos estilos de aprendizagem e a partir da perspectiva inclusiva, observar em duas classes identificadas como de Integração Inversa, com o olhar voltado para a alfabetização de crianças com NEEs inclusas no ensino regular, buscar compreender a sua aproximação e /ou distanciamento com a formação do (a) professor (a) das turmas pesquisadas.

Observar, também, as práticas pedagógicas de alfabetização realizadas na sala de aula e no Atendimento Educacional Especializado - AEE para favorecer a inclusão dos alunos com NEEs participantes da pesquisa. Estabelecidos os objetivos, encontros de estudos e discussões sobre os objetivos do processo foram realizados pela equipe de pesquisadores, considerando a indicação das escolas e respectivas classes e sujeitos participantes da pesquisa pelo coordenador de estudos do PNAIC e das respectivas Regionais de Ensino do Sistema de Ensino Público do Distrito Federal, a pesquisa foi estruturada em 5 (cinco) momentos, a saber:

- a) Fase exploratória: Diagnosticar a realidade da escola e da classe e assim elaborar o plano de observações e demais estratégias para a coleta das informações a ser realizado nessa classe e em outros ambientes relacionados da escola em que o aluno, em observação, seja atendido. Aqui foi definido o recorte da pesquisa, assim como a identificação dos critérios adotados pela escola/professor para indicar a classe a ser estudada, para definição também dos elementos considerados como práticas pedagógicas inclusivas bem sucedidas, a serem observados;

- b) Planejamento das ações da pesquisa: (i) elaboração do cronograma para realização dos procedimentos e estratégias de pesquisa; (ii) formalização do aceite da escola e dos sujeitos envolvidos e a autorização dos pais dos alunos participantes da pesquisa; (iii) análise de documentos institucionais, como Projeto Político Pedagógico-PPP, histórico detalhado do desempenho escolar dos alunos envolvidos), em sala de aula definidas em 10 observações durante o semestre, para registro das práticas pedagógicas realizadas pelas professoras das turmas elegidas para a pesquisa; (iv) entrevistas com os sujeitos envolvidos, nos contextos pesquisados, incluindo a família dos alunos com NEEs.
- c) Realização da pesquisa no campo. Reuniões preparatórias e de acompanhamento semanais da equipe de pesquisadores (pesquisadora e bolsistas), e reuniões quinzenais com a coordenação geral da pesquisa, com a participação de todos /coordenadores de estudo para coordenação e acompanhamento do processo global da pesquisa em realização, nas 15 Regionais de Ensino do Distrito Federal. Elaboração e validação dos instrumentos da coleta de informações e dos elementos a serem observados na sala de aula sobre a prática pedagógica da professora para analisar a perspectiva inclusiva integrada
- d) Registros das observações da prática pedagógica na sala de aula. Organização das informações obtidas nos diversos registros, por meios dos instrumentos aplicados e estratégias utilizadas, como gravações das entrevistas, análises de vídeos e análises de documentos.
- e) Elaboração e divulgação do Relatório Final, com os resultados da pesquisa. Análise e discussão das informações obtidas à luz dos fundamentos teóricos metodológicos estudados, para responder os objetivos da pesquisa e produzir e divulgar, primeiro para a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, contexto maior da pesquisa e as escolas participantes e todos os sujeitos envolvidos, inclusive os pais dos alunos das turmas observadas, o Relatório Final da pesquisa e os seus possíveis desdobramentos interinstitucionais.

Como o intuito foi observar as práticas pedagógicas bem sucedidas a partir da perspectiva inclusiva, entende-se que ela se fundamenta em normativas e orientações legais, portanto descrever as observações foi à estratégia de pesquisa, para oferecer ao trabalho um caráter de análise crítica e referencial. Para isso, foi necessário entender o dinamismo e as características do contexto pesquisado, respeitar a sua dinâmica e sobre tudo adequar as suas



estratégias de investigação às condições ofertadas e disponibilidades dos sujeitos colaboradores da pesquisa, em cada contexto, sem estabelecer comparações entre eles. Foi considerado que, para obter o resultado mais perto da realidade dos atores no contexto pesquisado, seria importante propor condições favoráveis para os sujeitos envolvidos, ou seja, em horários e locais onde os participantes vivenciam a questão ou problema que está sendo estudado (CRESWELL, 2010). Isso proporcionará, ao participante da pesquisa, um conforto, pois estará em seu local habitual e ao pesquisador uma possibilidade de análise mais ampla da rotina do ambiente pesquisado.

Por meio de um roteiro de perguntas semi-estruturadas para nortear a investigação, foi possível proporcionar um clima natural para que os sujeitos se sentissem à vontade para relatarem experiências e suas opiniões. Os roteiros foram elaborados pela própria pesquisadora e para cada sujeito participante foi seguido uma estratégia, a fim de abordar, de forma objetiva, os diversos pensamentos e intervenções que compõem a prática pedagógica.

O projeto teve acompanhamento com orientações semanais da pesquisadora com as bolsistas para elaboração de instrumentos e estratégias para os contatos com docentes, aluno e país, sujeitos da pesquisa. Além das orientações quinzenais foram feitas indicação de leituras e discussão para a fundamentação teórica básica necessária, promover uma maior segurança na observação das práticas pedagógicas inclusivas.

### **Alguns Resultados**

Definidos os objetivos da pesquisa a equipe de pesquisadores definiu também a organização dos horários dos grupos, com distribuição das escolas e turmas a serem observadas. Com isso deu-se início a pesquisa. Os pesquisadores foram as regionais formalizarem o consentimento das suas respectivas escolas e professores gestores, para definir o calendário para a realização da pesquisa.

Iniciada a pesquisa, foram realizadas reuniões quinzenais com todas as pesquisadoras, bolsistas e coordenação geral do grupo PNAIC, para relatos do trabalho de pesquisa em desenvolvimento, esclarecimentos de dúvidas surgidas no início das observações e estudos de temas voltados para o aprofundamento dos fundamentos básicos da investigação pelas pesquisadoras, que foram de grande valia para orientar a realização das observações. No início, 09 de setembro de 2014, em encontro marcado com as gestoras da escola 01, e em seguida no dia 10 de setembro de 2014 com as gestoras da escola 02, quando, então, foram apresentados os objetivos da pesquisa, suas estratégias, instrumentos e calendário de trabalho;

as pesquisadoras reuniram-se com a equipe gestora e pedagógica das escolas para a explicação de como iria acontecer à pesquisa no decorrer dos dias que estaríamos ali e formalizar o Termo de Livre Esclarecido de todos os sujeitos envolvidos na pesquisa.

A apresentação das atividades da pesquisa foi realizada, em seguida, em reunião com os pais dos alunos para a ciência e autorização da participação dos filhos na pesquisa, também para autorização para o pesquisador, fazer uso de imagens dos alunos em atividades da pesquisa para fins de estudo e divulgação acadêmica.

Com todos os procedimentos formalizados, o aceite da Secretaria de Estado de Educação-DF e das escolas e das respectivas Regionais de Ensino realizou-se encontro com os pais das crianças para informações sobre a pesquisa e pedido de autorização para participação do(a) filho(a). Na ocasião todos assinaram o Termo Livre e Esclarecido e também a autorização para uso da imagem do(a) filho(a) para uso acadêmico. Foram realizados, quinzenalmente, encontros para estudos e acompanhamento do registro das informações coletadas, como o roteiro de entrevista e o questionário, com as leituras recomendadas feitas procedeu-se á busca a efetividade do aceite dos sujeitos da pesquisa, a professora da turma e do Atendimento Educacional Especializado das referidas escolas, os gestores, os pais dos alunos NEEs, os gestores das escolas, as coordenadoras das respectivas Regionais de Ensino ,o coordenador local. Em seguida realizou-se a definição do calendário das ações da pesquisa no âmbito da escola e dos professores. Foi estabelecida a realização de 10 observações na sala de aula regular com duração de 6 horas cada, que aconteceram ao longo do segundo semestre de 2014 com registro também gravado de algumas aulas, inclusive do atendimento especializado do aluno com NEEs na Sala de Recurso Multifuncionais, nas respectivas escolas.

Foram realizados encontros de estudo e acompanhamento da pesquisa também orientando e capacitando os (as) alunos (as) bolsistas sobre a pesquisa e incentivando-as a estudarem e se apropriarem dos conhecimentos implicados na pesquisa, sobre tudo sobre a pesquisa para prepará-las para darem prosseguimento aos seus estudos em nível de pós-graduação. Criou-se o Caderno de Registro-o Diário de Bordo para os registros das observações realizadas junto com a pesquisadora e encontros semanais foram realizados para discussão do processo e orientação do trabalho de campo e posterior análise das informações obtidas. Etapas que será realizada nesse próximo semestre de 2015.

As entrevistas realizadas foram degravadas e os dados organizados serão analisados e discutidos para fins de conclusão do estudo, assim como o questionário e a análise dos

documentos institucionais necessários para a análise, conclusão e elaboração do Relatório Final da pesquisa, que será enviado e discutido com SEE-DF e todas as escolas participantes e apresentados também em fóruns científicos e acadêmicos diversos.

Concluída essa primeira etapa, estamos na fase da análise das informações obtidas. Com alguns dados parciais já conhecidos, perguntamos:

As práticas pedagógicas observadas nas salas de aula das turmas de integração inversa estão consideradas como inclusivas? O que nos dizem as falas de alguns atores?

A professora da Escola 1 do segundo ano, onde realizamos as observações expressa na sua entrevista, que a sua concepção pedagógica segue as diretrizes da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, nem sempre muito fácil e comenta:

[...] No início, causou muita apreensão, pois não fazíamos a menor ideia de como acolher e trabalhar com os alunos com NEEs que iriam chegar e quais as situações que enfrentaríamos. A necessidade do conhecimento, de saber até onde poderíamos chegar, determinar limites, estabelecer metas, acalmar a ansiedade, a aluna com síndrome de Down traçava garatujas, recusava-se a executar comandos, era muito retraída, apresentava comportamento muito resistente e voluntarioso e eu cedia constantemente aos seus apelos (choros, pequenas birras...), muitas vezes, era eu quem fazia as tarefas que solicitava a ela que executasse (pegar material, buscar lanche... Foi em meio a essa crise que surgiu o PNAIC e a pesquisa orientada. Suas intervenções, sua participação, sugestões, olhar foram fundamentais para que eu direcionasse a minha prática a fim de possibilitar o desenvolvimento das potencialidades da aluna. Percebi que era preciso, antes de qualquer coisa, traçar limites claros, exigir que ela cumprisse com as suas tarefas sem que alguém fizesse em seu lugar. Ela passou de 'comandante passiva' a participante ativa... É emocionante vê-la 'escrever' pois imita a letra cursiva e faz os traçados na linha como se estivesse realmente copiando, como os colegas fazem. Faz as tarefas de casa quando são de escrita e contagem. Ou seja, está avançando!!) (P1).

Com base nos registros a aluna bolsista<sup>1</sup> analisa também que a professora da sala observada entende que todos os alunos podem aprender, a partir da própria construção do saber. Foi observado que a Professora 1 tem grande autonomia sobre a turma e tem iniciativas fundamentais para uma promover situações de aprendizagem significativa; “todas as atividades mediadas em sala de aula são bem planejadas, em sua turma que tem 4 alunos com NEEs, trabalha para atender todas as demandas, suas aulas são interdisciplinares, em um só planejamento a mesma consegue abordar matemática, ciências, oralidade, escrita, etc” (B1) e acrescenta:

A maneira com que ela media as atividades é de forma rápida e eficaz, os alunos aproveitam muito à diversidade de tarefas, sem apresentar nenhuma expressão de cansaço, as atividades são dinâmicas e bem diversificadas. As atividades que V. trabalha com os alunos com Necessidade Educacionais Específicas são as mesmas trabalhadas com os demais alunos, ela tira da atividade a parte que a criança esta com mais dificuldade e trabalha em prol disso. Mesmo com toda dificuldade inicialmente em trabalhar de forma inclusiva, V. sempre está aberta para críticas construtivas, sugestões e alternativas para melhoria na prática pedagógica. Pude notar que a professora planeja sempre a sua aula, com ideias criativas estratégias e recursos diversificados para que possam atender a maioria dos alunos, percebi que eles fazem muitas coisas, e que eles não ficam cansados e nem entediados com as atividades propostas; a aula é bem dinâmica e produtiva. Pude observar que a sua disposição em fazer um trabalho de qualidade; é surpreendente, pois ela consegue tirar de atividades que são consideradas simples e pouco simbólicas, atividades que os alunos se interessam para que aconteça um ensino e aprendizagem significativos, correspondendo ao que se pode considerar uma prática pedagógica inclusiva (Bolsista 1).

A esse respeito a professora da escola 2 ( P.2) comenta:

Quando planejo uma atividade de produção de texto , por exemplo: aos alunos que ainda não conseguem produzir textos proponho que escrevam frases tais como: Se é dia ou noite; Como está o tempo; Quem são os personagens; o que estão fazendo e assim por diante. Aos que ainda não produzem frase peço que desenhem a história e escreva com que letra começa a história e depois faça a leitura oral da sua ilustração (P2).

A bolsista 2 que observou a prática pedagógica da p.2 comenta:

Observei que as atividades mediadas e propostas em sala de aula pela profa.2 são riquíssimas, pois a professora trabalha de forma intensa com os alunos e tenta incluir todos. Fica um pouco explicito a dificuldade de alguns alunos, mas fica clara também a atenção da professora para atender às necessidades dos alunos. Ela está sempre atenta a todas as suas manifestações, não só as dificuldades, mas as facilidades também. Para criar oportunidades novas para a sua aprendizagem!! (Bolsista 2, Escola 2).

De acordo com os fragmentos das falas aqui apresentadas pode-se compreender que nas realidades observadas, em detrimento das dificuldades e desafios relatados, registra-se uma postura favorável em busca do desenvolvimento de uma prática pedagógica inclusiva que alcance a todos os alunos da turma.

Buscando responder a indagação feita sobre se as práticas pedagógicas observadas poderiam ser consideradas inclusivas, as análises parciais e estudos realizados apontaram para alguns indicadores que considerados importantes para essa caracterização.

### ***Planejamento dinâmico e flexível.***

A professora ao planejar, contempla com sucesso todos os indivíduos da classe, respeitando a diversidade de alunos em sala de aula, cada qual com seu tempo e conhecimento, com um planejamento bem flexível, onde a criança possui autonomia para abordar novos temas gerados do planejamento inicial, dando assim muito mais riqueza e interesse para a atividade proposta. Então de acordo com essa perspectiva, a professora relata em sua entrevista:

Quando planejo uma atividade de produção de texto, por exemplo. Aos alunos que ainda não conseguem produzir textos cobro que escrevam frases tais como: Se é dia ou noite; Como está o tempo; Quem são os personagens; o que estão fazendo e assim por diante. Aos que ainda não produzem frase peço que desenhem a história e escreva com que letra começa a história e depois faça a leitura oral da sua ilustração (Professora Regente).

Pode-se notar uma preocupação em adaptar todo o material, para que o mesmo seja de fato, realizado por todos os alunos da classe, o que realmente acontece e durante as apresentações orais todos os alunos participam e conseguem se expressar e passar a história lida.

### ***Apoio e materiais diversificados para atender as diversas demandas dos alunos.***

A escolha dos materiais para o desenvolvimento das atividades planejadas se observou certa dedicação para a preparação desses materiais, onde se era pensado em cada criança e sua especificidade. Além de se ter todo um suporte pedagógico para o aluno com deficiência visual, como a máquina em Braille, livros, tabuadas e alfabetos em Braille. A professora também sempre se atentou em ter livros bem ilustrativos para que os outros alunos com necessidades educacionais especiais possam no momento da leitura, exercitar suas respectivas leituras e em seguida apresentar a história aos demais colegas. A matemática também é uma matéria muito bem explorada com os materiais confeccionados pela própria professora, em níveis diferentes, dessa forma todos os alunos participam da atividade em seus níveis de aprendizagens. Observou-se também a interlocução entre a professora regente e as professoras das salas de recurso, onde a solicitação prévia da adequação do material era sempre muito bem articulada entre elas, tendo sempre assim o material pronto quando solicitado. A professora regente se ocupava em selecionar o restante do material que seria necessário para o restante da sala executar a mesma atividade, sempre em seus níveis e tempos.

### ***Organização do espaço físico da sala de aula – alunos e momentos.***

A turma é organizada em grupos onde existe certa rotatividade em sua formação diária, os alunos variam de grupo. A professora faz a mediação quando necessária, para que em cada grupo fique diferentes níveis de aprendizagem. Além de se observar a estrutura física do ambiente onde o aluno com deficiência visual não tem sua mobilidade comprometida.

A esse respeito, foi observado que a professora utiliza de critérios para organizar esses grupos. Sendo eles: a partir de um objetivo do planejamento, heterogeneidade de comportamentos e gênero, favorecendo a interação entre eles, onde crianças com necessidades educacionais e crianças que possuíam uma maior facilidade com a matéria proposta naquele momento possam interagir e promover a colaboração mútua. Podendo haver uma nova formulação de grupos quando outra atividade era proposta ou quando a dinâmica indicava falta de sucesso.

### ***Estratégias pedagógicas, avaliações e acompanhamento da aprendizagem.***

Observou-se que a professora usa diversas estratégias, com atividades em pequenos grupos, acompanhamento individual quando necessário, atividades coletivas e individuais, exploração de níveis de conhecimento no momento da apresentação de um novo conteúdo. Observamos que, essa estratégia do ponto de vista da perspectiva inclusiva favorece não só as crianças com necessidades educacionais especiais, mas a participação de toda a turma para realização de suas aprendizagens.

### **Considerações importantes**

Apresentam-se alguns resultados parciais da pesquisa em andamento nas duas escolas/turmas, nas classes de integração inversa. Eles são ainda apenas indicadores levantados sobre elementos para responder aos objetivos da pesquisa, mas e, ao mesmo tempo, refletirmos sobre o que estamos buscando compreender sobre as práticas pedagógicas inclusivas.

O trabalho de análise das informações obtidas na pesquisa prosseguirá e se concluirá em breve; o Relatório Final, como última etapa da pesquisa, quando então se analisarão os dados à luz dos fundamentos teóricos que os suportes têm a perspectiva de abstrair indicadores importantes para orientar, não só à prática pedagógica inclusiva, mas, o despertar para a necessidade de maior investimento na formação de professores e profissionais

qualificados e atentos para a diversidade de forma de aprender e ensinar, como uma possibilidade concreta de favorecer a criação de processos e estratégias de práticas pedagógicas efetivamente inclusivas para todos os alunos.

Nessa perspectiva a nossa pesquisa/estudo buscará analisar a realidade das escolas pesquisadas para favorecer reflexões a respeito da incluso escolar dos alunos com necessidades educacionais específicas e em que a formação do professor pode responder por a maior ou menor consideração desse paradigma da incluso na escola que precisamos.

A expectativa é que, concluído esse estudo, ele possa produzir reflexões importantes que estimulem um novo olhar sobre a diferença em sala de aula, como é natural na constituição dos sujeitos e que a diversidade de forma de aprender dos alunos na sala de aula seja considerada como princípio humano natural e que, em qualquer circunstancia, a escola se organize para favorecer o trabalho colaborativo no sentido de promover o professor possa criar estratégias e situações diversificadas, criativas e estimulantes para promover a aprendizagem de todos os alunos, independentemente das necessidades educacionais que apresente porque serão sempre específicas e que por isso mesmo, deverão ser consideradas sempre especiais.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Apresentação / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2014. 72 p.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes. – 3ª Ed. - Porto Alegre: Artmed. 296 páginas, 2010.

GENTO, Samuel Palácios. **Guía Práctica: Para la investigación en educación**. Madrid: Sanzy Torres, 2004.

SOUZA, Amaralina Miranda et al. **Inclusão**: história, conceitos e problematização. Centro de Formação Continuada de Professores da Universidade de Brasília – CFORM/UnB: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC/SEB, 2005; 44 P.: II.